



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

A PRESENÇA DOS MIGRANTES HAITIANOS EM TERRITÓRIO MARINGAENSE

THE PRESENCE OF HAITIAN MIGRANTS IN MARINGÁ

(Pesquisador convidado)

Sueli de Castro Gomes

Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo

Professora efetiva do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá

suelicgomes@superig.com.br

Resumo

O acordo entre Brasil e Haiti, concedendo vistos humanitários, trouxe para o Brasil uma nova corrente migratória. Assim, em 2010, chegaram os primeiros haitianos no município de Maringá e arredores, no Paraná. Esse fluxo abriu caminhos para outros grupos migratórios como os dominicanos, os senegaleses e os bengaleses. Em 2014, já eram 4 mil haitianos residindo na Região Metropolitana de Maringá. No ano de 2016, com a mudança econômica local e nacional, parte expressiva dos haitianos de Maringá migraram principalmente para o Chile. Esses homens foram mobilizados para trabalhar, sobretudo, nos frigoríficos da região, e em menor participação, em outras indústrias de grande porte, além do setor de comércio e serviços. Nosso propósito, neste texto, é discutir a presença dos migrantes haitianos na região metropolitana de Maringá, suas formas de inserção, e os obstáculos por eles encontrados, identificando as barreiras para sua integração na sociedade. Nesse quadro de mobilidade humana, apoiamos-nos em Jean Paul Gaudemar (1977), que estudou a produção e a circulação da força de trabalho; com o respaldo de Marx e Foucault, esse autor traça um paralelo do poder nas microesferas e o domínio do capital sobre os homens.¹

Palavras-chaves: Migrantes; Haitianos; Maringá.

Abstract

The agreement between Brazil and Haiti, granting humanitarian visas, has brought to Brazil a new migratory chain. Due to that, in 2010, the first Haitians arrived in the municipality of Maringá, Paraná. This flow created paths to other migratory groups as the Dominicans, the Senegalese and the Bengalis. In 2014, there were about 4000 Haitians living in the metropolitan region the city of Maringa. However, in 2016 because the economic crisis in the local and national scale, a massive number of Haitians have migrated from Maringa mainly to Chile. These people were mobilized to work especially in meat plants of the region, and other few people in other large industries, commerce and services sector. The purpose of this text is to discuss the presence of Haitian migrants in the metropolitan region the city of Maringa, how they have been inserted and the obstacles they have encountered as well as identifying the barriers they face in order to integrate the society. On the

¹ Pesquisa desenvolvida e financiada pelo CNPq que compõe o projeto "A Mobilidade do Trabalho no Norte-Central do Paraná".

scenario of human mobility, we will make reference of Jean Paul Gaudemar (1977), who studied the production and circulation of the labour force; also taking account of Marx and Foucault. Gaudemar draws a parallel between the power in the microspheres and the dominance of the capitalism on the society.

Keywords: Migrants; Haitians; City of Maringa.

Introdução

Dados da ONU apontam mais de 244 milhões de pessoas que migraram no mundo no ano de 2015, considerando apenas os migrantes internacionais, um aumento de 41% em relação a 2000; destes, 80 milhões são refugiados de guerra e de conflitos políticos. Esses números tendem a aumentar a cada dia, determinados por uma globalização cuja ênfase foi a abertura dos mercados econômicos, em detrimento de se abrirem as fronteiras para acolher essa leva de pessoas que foram forçadas a deixar seus países, regiões e cidades. Atualmente, o mundo se encontra com grandes desigualdades territoriais, sociais e econômicas. Os migrantes, em sua maioria, migram das regiões mais pobres com destino às regiões e países que apresentam uma maior dinâmica econômica, os chamados países ricos.

A imprensa televisiva nos mostra diariamente o drama dos migrantes na Europa – muitos deles não conseguem terminar sua travessia pelo mar mediterrâneo, pois suas embarcações superlotadas naufragam no mar. Aqueles que conseguem chegar ao continente são expulsos por políticas e acordos internacionais, como as ações realizadas pela União Europeia, com as deportação diárias.

O Brasil vem recebendo os migrantes estrangeiros principalmente a partir de 2010, em que foi selado um tratado de ajuda humanitária ao Haiti, que apresenta os menores indicadores sociais da América Latina e que teve sua situação socioeconômica agravada por um grande terremoto que destruiu o país. Vejamos o que relata o seguinte estudo:

A situação social do Haiti vem, desde muito, se deteriorando e apresentando se como uma das maiores catástrofes das Américas. Não bastasse a crise política em que vive o país há mais de 20 anos, situações de extrema gravidade como intempéries climáticas, e, mais recentemente, um terremoto que matou mais de 200 mil pessoas tem contribuído para a deterioração do tecido social e ampliado a extrema miséria em que vive a maior parte da população do país (1.009.400) tenha emigrado, e outras fontes afirmam que a diáspora haitiana já teria passado a casa dos 3 milhões de emigrantes (HAITIAN DIASPORA, 2011). Este contingente se espalha pelos Estados Unidos e pelo Caribe, principalmente a República Dominicana (CHAVES, 2008 apud MILESI, 2014: 95).

Desse modo, o Haiti constitui se de uma área produtora de mão de obra, em que sua população se torna móvel para migrar, isto é, vender a sua força de trabalho para os polos de atração

que necessitam desse trabalhador para seu desenvolvimento econômico, seguindo as forças controladoras do capital conforme a teoria da Mobilidade do Trabalho. Simultaneamente no Brasil, havia grande crescimento econômico, em especial na região Sul brasileira, em cujo processo a Região Metropolitana de Maringá tem destaque econômico e conseqüentemente se torna um polo de atração.

A Região Metropolitana de Maringá precisava de mão de obra na indústria da construção civil e na indústria agropecuária, especificamente nos frigoríficos, e a solução encontrada foi trazer a mão de obra haitiana para a região, de forma que os haitianos foram recrutados nos Estados do Acre e São Paulo. Nessa leva de migrantes haitianos, também se dirigiram a Maringá os migrantes de diversos países africanos, como os bengaleses, benegaleses e outros em menor número. Em 2014, já totalizavam cerca de 4 mil haitianos residindo na Região Metropolitana referida. Nessa região, há também migrantes oriundos de países da Europa, como Portugal e Espanha, que por conta da crise econômica mundial são países que se encontram com um índice de desemprego acima de 20%; fato reforçado pela migração de retorno dos brasileiros da Europa. Essa migração de retorno, por sua vez, contempla também os decasségus, migrantes que foram para o Japão na década de noventa do século XX e que na mudança da economia mundial e brasileira invertem a corrente migratória.

Portanto, em um momento em que a economia nacional e regional estava em crescimento, havia carência de mão de obra, e a contratação de migrantes era necessária ao desenvolvimento econômico; o município de Maringá torna-se um polo de atração para esse grupo mobilizado à procura de trabalho. Hoje, a economia nacional está em retração e o município segue essa tendência econômica, o setor frigorífico em menor escala. Em razão desse quadro econômico, particularmente na construção civil, há muitos desempregados entre os haitianos. São homens móveis, disponíveis para o capital, seguindo as correntes e fluxos e as determinações econômicas. Destacamos que um novo fluxo se criou, em que os migrantes haitianos desempregados seguem a rota para o Chile, pois lá a moeda está mais forte, e há promessa de emprego e de salário melhor.

No ano de 2016, o número de haitianos na Região Metropolitana de Maringá foi reduzido pela metade, porque eles têm emigrado principalmente para o Chile, com a mudança econômica nacional e local. Esses homens foram mobilizados para trabalhar principalmente nos frigoríficos da Região e em outras indústrias de grande porte, além do setor de comércio e serviços. Nosso propósito é discutir a presença dos migrantes haitianos na Região Metropolitana de Maringá, suas formas de inserção e os obstáculos por eles encontrados, tornando-se barreiras para sua integração na sociedade. Nesse quadro de mobilidade humana, nos baseamos na leitura de Jean Paul Gaudemar (1977), que aborda a produção e a circulação da força de trabalho com o respaldo da teoria da Mobilidade do Trabalho;

apoiado em Marx e Foucault, esse autor traça um paralelo do poder nas microesferas e o domínio do capitalismo sobre os homens. Em suas palavras:

Com a mobilidade do trabalho manifesta-se sempre o modo como os homens submetem o seu comportamento às exigências do crescimento capitalista. Toda estratégia capitalista de mobilidade é, igualmente, estratégia de mobilidade forçada (GAUDEMAR, 1976: 18).

Portanto, nossa intenção é observar como os migrantes haitianos foram disponibilizados para vender sua força de trabalho e migrarem para o território brasileiro para suprir as vagas ociosas e trabalharem nas indústrias frigoríficas, entre outros, submetendo-se a todo tipo de esforços, ritmos e intensidades, deixando muitos deles doentes, até o momento em que há recessão e cortes nos quadros de funcionários, e desempregados, novamente são disponibilizados para migrarem como homens móveis, e eles então migram para o Chile.

Método

Nesta pesquisa, empreendemos a coleta de dados a partir de uma “pesquisa ação”, mediante um convívio contínuo com a comunidade haitiana de Maringá em nossa participação efetiva na ARAS-Cáritas e junto à construção da Associação de Haitianos de Maringá e pela participação no Conselho Estadual pelo Direito dos Migrantes, Refugiados e Apátridas. Esse convívio trouxe-nos narrativas de situações diárias que esses migrantes haitianos enfrentam no município e arredores. Coletamos imagens, dados institucionais, fizemos leituras de pesquisas afins e clássicos dos estudos migratórios em nosso percurso de pesquisadora.

Resultados e Discussões

A Região Metropolitana de Maringá se localiza na Região do Norte-Central do Paraná, e uma parcela significativa de sua economia pauta-se no agronegócio – soja e outros grãos –, e em segundo lugar está a indústria alimentícia dos frigoríficos. O crescimento expressivo da indústria e comércio desponta no ramo das confecções.

Na paisagem urbana de Maringá, encontramos os migrantes africanos montando banquinhas de camelô nas calçadas do centro comercial, os haitianos trabalhando nos restaurantes como garçons e cozinheiros e circulando com suas bicicletas para o trabalho, ou então nos pontos de ônibus. Eles se dirigiram a essa cidade para trabalhar principalmente nos frigoríficos da região e nas grandes empresas e cooperativas, e foram absorvidos em parte pela construção civil, como em outros serviços

urbanos. Também trabalham no campo juntamente com os migrantes nordestinos, como boias-frias no setor do agronegócio. Normalmente, se inserem nos trabalhos mais insalubres, que exigem menor escolaridade e que os habitantes locais não se dispõem a realizar.

Dados da Polícia Federal, do final de 2015, apontam uma lista de 4 mil haitianos que conseguiram o visto de permanência na região de Maringá; no entanto, esse número tem-se reduzido de maneira expressiva. No projeto de extensão denominado “A inserção dos migrantes em território maringaense” desenvolvido no Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, iniciamos um censo demográfico que confirma essa tendência, bem como as afirmações das lideranças da Associação de Haitianos e a evidente redução da busca pela regularização de documentação na ARAS-Cáritas. Estimamos que o número de migrantes estrangeiros, considerando outras origens, poderá ser em torno de duas mil pessoas em nossa região.

Atualmente, o Brasil sofre com a crise econômica mundial e há uma desaceleração da economia; essa situação atingiu a economia local, e parcela dos postos de trabalho foram fechados. Não temos uma precisão dos dados censitários, pois cada dia nova dinâmica acontece: migrantes que chegam e outros que partem para outras cidades e regiões. O desemprego assola os brasileiros e os migrantes estrangeiros, porém pesquisas apontam que a participação maior de desempregados está entre os migrantes. Eles vieram com sonhos e planos, para trabalhar e estudar. Em uma das reuniões com esses migrantes, ouvimos que “a diferença entre os trabalhadores nacionais e os migrantes é que os nacionais têm uma panela para sustentar, e o migrantes têm que cuidar de duas panelas com o mesmo salário”, isto é, o salário que eles ganham mensalmente é para se manter e para sustentar suas famílias no país de origem.

As barreiras de inserção no território maringaense

Para poder suportar esse custo, muitos migrantes possuem dois empregos, fazem horas extras, dividem uma moradia com oito ou mais pessoas, evitam despesas na alimentação, no lazer, e nos deslocamentos diários. Suas estratégias são as mais diversas.

Uma das maiores barreiras que os migrantes encontram na região focalizada é a moradia. Salientamos que em Maringá, a primeira empresa a agenciar o haitianos no Acre foi a GT Foods, conhecida como Frango Canção, que prometia no agenciamento moradia e para isso alugou um edifício inteiro para alocar os primeiros migrantes (Figura 01).

Figura 01: Prédio alugado, no município de Flórida (Região Metropolitana de Maringá), pela GT Foods para alojar os primeiros migrantes trabalhadores em seu frigorífico.



Fonte: acervo da autora.

Os relatos dos moradores haitianos indicam certo descontentamento, pois nos quartos dormem quatro ou cinco homens, e em cada apartamento residem oito pessoas para um mesmo banheiro. A empresa GT Foods contratou também africanos que dividem espaço com os haitianos. Há registros de grandes conflitos entre eles nesse prédio, em que a empresa, sem o menor cuidado, reuniu duas culturas diferentes e os alojaram de forma precária. O prédio se localiza em um município periférico da Região Metropolitana, distante da empresa que fica na cidade polo do Aglomerado de Maringá. Dessa forma, a empresa disponibiliza um ônibus para os trabalhadores se deslocarem até a fábrica. Observamos a moradia precária a que esses migrantes foram sujeitos para poderem suprir a ausência de mão de obra da empresa, em uma condição sem muitas escolhas para a sua manutenção no país de destino.

Ressaltamos que, assim que podem, eles alugam uma moradia simples, casa térrea, para poderem ter mais autonomia da empresa que os contrata. Entretanto, alugar imóveis não é tarefa fácil, pois as imobiliárias, na maioria, exigem fiador que seja proprietário de um imóvel no município como

garantia. Então, os haitianos procuram alugar imóveis diretamente com os proprietários, geralmente encontrando os imóveis mais simples e muitas vezes deteriorados, como, por exemplo, as casas de madeira, muito peculiares do Norte Central do Paraná. Nesses imóveis alugados, continuam residindo em um grupo de oito ou mais pessoas, em média, dado constatado também por Kotsifas (2016).

Salientamos que, em sua migração, esses homens juntaram todas as suas economias em seu país de origem e passaram por uma diversidade de obstáculos no trajeto: parte veio intermediados por agenciadores, outra parte veio seguindo a sua rede social até chegar ao Brasil, especialmente em Maringá.

Na Região Metropolitana de Maringá não é diferente, os migrantes passam por diversas dificuldades quando chegaram à cidade, a mais citada é a barreira da língua portuguesa. Apesar de serem oferecidos três cursos de língua portuguesa gratuitos para esses migrantes, verificamos que não atingem a demanda: no ILG (Instituto de Línguas da Universidade Estadual de Maringá), há 27 matriculados; na CEPA (Central de Pastorais), há 20 migrantes e na Paróquia Santa Rita, um grupo de 30 alunos. No censo demográfico que aplicamos no projeto de extensão, observamos uma casa em que moram oito migrantes em média, e apenas um deles fala a língua portuguesa. Essa barreira acaba dificultando sua integração na sociedade maringaense, no trabalho, na educação e se torna um grande obstáculo para a obtenção de sua reterritorialidade (HAESBAERT, 2002). Este autor afirma que há um mito no conceito de desterritorialidade, pois o migrante reconstrói uma nova territorialidade, não há nenhum indivíduo sem território, o que ocorre é uma territorialidade precarizada.

Outro obstáculo que dificulta a presença dos haitianos nos cursos de português ou outros cursos que queiram estudar é a jornada de trabalho excessiva, em que os impedem de estudar, ou por exaustão não conseguem dar continuidade à frequência dos cursos, como constatamos no SESI, em cursos internos nas empresas, e em um curso especial na rede pública de ensino em Mandaguari, Paraná. Uma parte deles migraram com o superior incompleto e há alguns com o superior completo que migraram com a expectativa de poderem estudar no Brasil em uma universidade, desconhecendo o processo de vestibular e não conseguindo se inserir com sua qualificação no mercado de trabalho e na universidade pública ou privada pelos custos.

Outros problemas enfrentados pelos haitianos são os trabalhos insalubres nos frigoríficos, em que muitos adoecem, e o acesso à comunicação no sistema de saúde público, dificultando o atendimento e acompanhamento. Silva (2013: 24), em pesquisa sobre o trabalho nos frigoríficos por migrantes africanos, assinala que:

O trabalho nas linhas de abate, no desossamento de frangos, embalagem, entre outros, acarreta graves danos à saúde do trabalhador. As lesões por esforço, ao mesmo tempo em que passaram a ser uma regra geral, inclusive contabilizada nas planilhas de gestão e Recursos Humanos, não encontram nenhum anteparo no plano de saúde pública.

As dificuldades encontradas pelos haitianos ainda dizem respeito à obtenção de validação da carteira de motorista no Estado do Paraná, à manutenção da comunicação com os parentes no Haiti, maior para aqueles que estão nos arredores, à barreira das diferenças culturais e outras questões que pairam no campo da subjetividade. No município, não há nenhum tipo de abrigo para, migrantes, os chamados centros de referência, tampouco uma política municipal que estimule a sua inserção. Com o agravamento da crise econômica, essas dificuldades se ampliam, e situações de intolerância por parte dos brasileiros começam a aparecer.

No processo de desenvolvimento desta pesquisa, realizamos uma assessoria para a organização dos migrantes na Associação Haitiana de Maringá com o objetivo de propiciar protagonismo aos migrantes e estimular a sua autonomia, promovendo maior inserção no território maringaense. Entretanto, no cartório da cidade foi cerceada a composição da diretoria composta somente por haitianos, em observância à Lei Nacional do Estrangeiro, de 1979, elaborada no período da ditadura, que proíbe a existência de associações dirigidas por estrangeiros e que ainda é vigente em 2016. Esse caso ocorreu em outros municípios dos Estados de Goiás e de Santa Catarina, o que revela como o poder local utiliza-se de instrumentos legais de um período ditatorial. No restante do país e do Paraná, há a formação de várias associações de haitianos. A Orientação recebida por um membro do Ministério Público, que havia uma orientação de aprovação dessas entidades em Brasília. Atualmente, há um reconhecimento político da Associação de Haitianos de Maringá (AHM) por parte dos membros da Cáritas e da Universidade, mesmo não estando regulamentada, aguardando a mudança da legislação.

Portanto, identificamos a Região Metropolitana de Maringá como um território que impõe uma série de barreiras que dificultam a inserção dos migrantes haitianos. Percebemos diferenças entre a presença dos haitianos nas capitais e metrópoles do Centro-Sul brasileiro e essa presença nas cidades médias do interior brasileiro. Em cidades como Maringá, essas barreiras se tornam maiores, e as diferenças aparecem nas políticas públicas - a existência dos CRAIs (Centro de Referência no Atendimento ao Imigrante), na articulação da Igreja Católica e ONGs para o acolhimento. Enquanto há uma série de associações de imigrantes que não sofrem nenhum impedimento legal em outros espaços nacionais e são reconhecidas socialmente, na região de Maringá encontramos impedimento para que a associação dos haitianos se estabeleça no município. Portanto, observamos a diferença

entre a experiência de receber imigrantes nos espaços metropolitanos, permitindo uma multiculturalidade maior do que em municípios menores, em que há uma menor diversidade cultural menor e maior estranhamento do outro, ocorrendo então uma territorialidade maior por parte dos seus habitantes nativos.

Frisamos que também encontramos experiências de solidariedade por parte de alguns habitantes locais que rompem com essa lógica da territorialidade/barreira e se tornam de alguma forma referência para esse migrantes em situação de vulnerabilidade, acolhendo com alimentos, roupas e outras necessidades emergenciais. Em cidades menores, eles se tornam bastante visíveis, assim como as suas necessidades, pois são migrantes negros, diferentes da população local, que na sua maioria possui cor branca no Norte-Central do Paraná.

O papel do Estado e da sociedade civil no acolhimento em Maringá

A Associação de Reflexão e Ação Social Cáritas atua junto aos migrantes, em especial junto àqueles em situação de vulnerabilidade por meio do desenvolvimento de ações sociais cujo objetivo é acolher as demandas desses migrantes. As primeiras ações surgiram quando foi selado um acordo entre a Cáritas e o governo brasileiro, por meio do qual o migrante, ao solicitar refúgio junto à Polícia Federal, deve fazer um cadastro na instituição Cáritas, ligada à igreja católica, com atuação em escala nacional, onde o migrante recebe um atendimento humanitário.

A ARAS-Cáritas de Maringá empreendeu suas primeiras ações com os migrantes que se estabeleciam na região. A entidade começou a acompanhar os trabalhos dos solicitantes de visto de permanência e nesse diálogo, identificava as possibilidades e limites do órgão responsável pela regularização e pedido de refúgio em Maringá. Em média, há o atendimento de dez migrantes por dia, em que se busca regularizar seus passaportes ou vistos de permanência. A Cáritas de Maringá, intermediada pelo IMDH (Instituto de Migração e Direitos Humanos), é responsável por atualizar os passaportes dos haitianos e fazer as mediações necessárias junto à Embaixada do Haiti.

Em 2014, fruto da “Campanha da 25ª Romaria dos Trabalhadores e Trabalhadoras”, a Cáritas de Maringá organizou a distribuição de cestas básicas e colchão nas cidades de Flórida e Paiçandu, no Paraná. A entidade estabeleceu uma parceria com a ação dos Vicentinos para a distribuição de cestas básicas, principalmente em situações emergenciais. Nesse mesmo ano, iniciou-se o curso de língua portuguesa para os migrantes, com a colaboração de professores voluntários e o auxílio de lideranças da comunidade haitiana, havendo uma parceria entre a entidade e a Associação dos Haitianos de Maringá (AHM), contando com a consultoria de docentes da UEM. Esse curso ocorre aos domingos à tarde, no Centro Pastoral, e atende às necessidades dos migrantes, que trabalham em jornadas

excessivas e não dispõem de horários livres para estudar. O curso segue em seu terceiro ano de existência como uma ação das primeiras acolhidas que a entidade realiza. Outros cursos de língua portuguesa também são ofertados na região, como o da Paróquia Santa Rita, localizada em um bairro periférico da cidade de Maringá, em que há grande concentração de migrantes haitianos e próximo à zona industrial do município, e outro curso concedido pelo Instituto de Línguas Estrangeiras da UEM, já mencionado.

Temos registros de atividades culturais organizadas em parceria com a ARAS-Cáritas e AHM, como o dia das mães haitianas e a páscoa. Também há um grande almoço de confraternização por ocasião do Natal, que reúne mais de 200 migrantes, o que possibilita a integração cultural desse grupo, bem como a sua organização e autonomia.

Em relação ao apoio às questões trabalhistas, na Cáritas de Maringá ocorreram palestras sobre os esses direitos no ano de 2014 e reproduzidas cartilhas para os migrantes trabalhadores haitianos de Maringá. Essa cartilha tem o objetivo de orientar os migrantes sobre a legislação trabalhista, como seus direitos e deveres de trabalhador, orientar como o trabalhador estrangeiro deve proceder para obter a carteira de trabalho, sobre contrato de experiência e um conjunto de benefícios que o migrante haitiano tem, assim como qualquer brasileiro. Essa cartilha continua sendo distribuída para os migrantes em seu acolhimento, além do atendimento jurídico nas causas trabalhistas, auxiliando esse grupo em situação de vulnerabilidade.

As ações da Caritás de Maringá se direcionam ao atendimento desse grupo em situação de vulnerabilidade, como migrantes doentes que precisam de encaminhamento na Secretaria da Saúde e outras secretarias da prefeitura na garantia de seus direitos. No campo da saúde bucal, foram oferecidas palestras no sentido de pensar ações de saúde preventiva. Em situações de falecimento do migrante, a condução da documentação e apoio nos ritos do enterro foram e são mediados pela ARAS –Cáritas de Maringá (foram registras três ocorrências nesse período).

Na busca de inserção dos migrantes no sistema escolar, foram realizadas ações para viabilizar a equivalência dos diplomas com palestras de História e estudantes da UEM auxiliando em trabalhos escolares. Para isso, as parcerias entre a UEM, ARAS-Cáritas e AHM seguem em um projeto de extensão desenvolvido com o auxílio de estudantes universitários do Departamento de Geografia, sob nossa coordenação. Para além do primeiro acolhimento e de ações de carisma da ARAS-Cáritas, a entidade faz também incidências políticas junto ao Estado, cobrando responsabilidades e direitos dos migrantes e pensando em políticas públicas e atuando junto aos órgãos responsáveis.

Destacamos que o Estado do Paraná é precursor na criação de um conselho para pensar o direito do migrante. Em 2015, surge o Conselho Estadual pelos Direitos do Migrantes Refugiados e

Apátridas – CERMA, ligado à Secretaria de Justiça, composto por representantes do governo e pela sociedade civil. No processo de composição do Conselho, candidaram-se 20 entidades da sociedade civil e apenas nove foram eleitas para ocupar as cadeiras do Conselho, entre elas a ARAS – Cáritas de Maringá, a Cáritas Arquidiocesana de Londrina, o Serviço Pastoral do Migrante, a Pastoral Migratória Arquidiocese de Curitiba. Esse fato demonstra as ações das entidades civis da igreja católica que atuam para o processo democrático e que estão empenhadas na garantia de direitos e na construção da cidadania dos migrantes no território nacional.

A Lei do Estrangeiro (1979), criada sob a gestão do General Figueiredo, possui elementos ainda do período militar. Nesse sentido, a grande luta das entidades representativas é a aprovação da Nova Lei do Imigrante, em tramitação no Congresso Nacional, que possibilitará ao migrante uma série de garantias, entre elas a reunião familiar, que em muitos casos se faz necessária, mediante a condição de vulnerabilidade em que ele se encontra.

Considerações

Os haitianos migraram para os polos de atração econômica no Brasil, na região que mais necessitava de mão de obra. Havia, nesse momento, uma simultaneidade entre a mobilidade dos haitianos e do crescimento econômico na região de Maringá, então as desigualdades espaciais que viabilizam circulação de pessoas foi estimulada pelo Estado Brasileiro. Houve uma política de entrada no país dos migrantes haitianos, mas nenhuma política de acolhimento por parte do Estado, que se coloca como regulador.

Esses homens que se mostram móveis para atender às necessidades da reprodução ampliada do capital e realizam uma migração forçada, vendendo seus corpos para os trabalhos mais insalubres, como as atividades exercidas pelos haitianos nos frigoríficos do Paraná, na Região Metropolitana de Maringá.

Todavia, uma lógica contraditória se instala no território maringaense, pois ao mesmo tempo em que os migrantes são necessários para mover a economia local, são impostas uma série de barreiras para a sua real integração na sociedade, em que o Estado e as entidades da sociedade civil caminham a passos lentos para ultrapassar as barreiras de inserção desse grupo social.

Na ausência de uma política consolidada por parte do Estado, a sociedade civil busca a sua organização, ora desarticulada e ora coordenada, haja vista as ações da Aras-Cáritas de Maringá e uma série de ações desenvolvidas pelos voluntariados de diversas origens e religiões, constituindo ações individuais e coletivas. O Estado começa a dar passos lentos em relação ao acolhimento por meio da criação de um Conselho em que a sociedade civil participa, mas muito aquém das

necessidades emergenciais encontradas pelos haitianos em Maringá. A dinâmica do capital em uma sociedade capitalizada tem uma velocidade atroz, enquanto a gigante máquina do Estado tem um ritmo que não acompanha as necessidades impostas por esse novo fluxo de pessoas em situação de vulnerabilidade.

Referências

- COSTA, A. G. *Imigração haitiana em Manaus: presença da pastoral do migrante*. In: Revista Travessia, v, 68, 2011.
- HAESBAERT, R. *O Mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2004.
- GAUDEMAR, J. P. de. *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Paris, Editora Anthropos, 1976.
- GOMES, S. C. *Dinâmicas Demográficas na Região Metropolitana de Maringá*. In: RODRIGUES, A. L. (Org.). *Transformações na Ordem da Urbana*. Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2015.
- KOTSIFAS, C. *A qualidade de vida dos migrantes haitianos em Maringá*. Dissertação de Mestrado defendida na Engenharia Urbana, Maringá: Editora Eduem, 2016.
- MARTINS, J. S. *O Fenômeno Migratório no limiar do terceiro milênio*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- MILESI, R. *O fluxo de imigração recente para o Brasil e a política governamental: os sinais de ambiguidade*. In: *Refúgios, Migrações e Cidadania*. Cadernos de Debate 9, Brasília: Editora IMDH, 2014.
- SILVA, A. R. de C. *Imigrantes Africanos solicitantes de Refúgio na indústria avícola*. São Paulo, Revista Travessia, n, 73, 2013.